

EDITORIAL

Prezados leitores,

É com grande satisfação que apresento a 10ª edição, nº 2, da revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental, lançada em dezembro de 2021. Iniciamos a edição com a entrevista com Ian Parker, intitulada *Subjetividade e Psicanálise: Conversando com Ian Parker*, realizada por Ilana Mountian e Nadir Lara Junior. Ian Parker é professor emérito da Universidade de Leicester. Fundador do Discourse Unit (Grupo de Pesquisa Internacional) com a professora Erica Burman. Psicólogo e psicanalista, é uma referência nos estudos críticos da psicanálise e psicologia. A entrevista tem como foco o livro do autor, intitulado *“Psychoanalysis, Clinic and Context: Subjectivity, History and Autobiography”*, de 2019. Ian Parker discute nessa entrevista a teoria e prática da psicanálise de forma crítica, a partir de uma perspectiva marxista e foucaultiana. Impasses e contribuições da psicanálise para as teorias da subjetividade são debatidos pelo entrevistado.

No artigo intitulado *Memórias, sonhos e labirintos: uma compreensão simbólica dos sonhos de labirinto*, Gabriel Ramos Floriani, Maria do Desterro de Figueiredo e Armando de Oliveira e Silva realizam reflexões acerca dos labirintos e suas facetas simbólicas, a partir da psicologia complexa de Jung. Os autores abordam a temática partindo do mito do Labirinto de Dédalo. O processo de individuação pode ser representado pelo símbolo caminhar no labirinto, enquanto processo de encontrar sua própria natureza. Os autores compreendem a simbologia presente no mito de Dédalo como o da jornada interior que pode trazer autoconhecimento, mas para isso são necessários recursos psíquicos que permitam o caminhar. O processo terapêutico é entendido como um desses recursos.

O artigo *Sujeito e saber em Hegel e em Lacan: entre a certeza do significado e a verdade do interdito*, de Geisa Costa Spak, realiza uma articulação teórica entre Hegel (a partir de sua obra *“Fenomenologia do Espírito”*) e Lacan, a partir das noções de sujeito, saber e verdade. Segundo a autora, em Hegel e Lacan, mesmo diante da ruptura e da descontinuidade teórica, encontra-se uma tensão fundamental de um inominável. Uma tensão diante da busca por apreender, captar ou nomear aquilo que por sua natureza não pode ser alcançado em sua totalidade, aquilo que ao se apresentar ao mesmo tempo resiste à simbolização.

Gênero, brinquedos infantis e divisão de papéis sociais é um de nossos artigos dessa edição, escrito pelos autores Jéssica Borges Caikoski e Rafael Amboni Dal Moro. Apresentam-se neste artigo discussões a respeito dos brinquedos infantis e sua contribuição para a manutenção das hierarquias de poder nos papéis de gênero. O artigo é construído a partir de uma pesquisa qualitativa realizada com 15 crianças. Diante das falas dos entrevistados, os autores pontuam que crianças tendem a discriminar brinquedos conforme o sexo, relacionando a mulher aos cuidados domésticos e maternos, o homem a independência e provimento. Os brinquedos estão atravessados pela regulação das feminilidades e masculinidades, a partir de um modelo patriarcal e das expectativas culturais dominantes. A criança capturada por esses discursos pode ser levada a reproduzir modelos dicotômicos que dividem e classificam corpos, papéis e funções conforme o gênero.

Estilos parentais de adolescentes do ABC Paulista: associações com personalidade e satisfação com a vida, escrito pelos autores Elisangela Toth e Helder Henrique Viana Santos Batista, apresenta uma pesquisa com 361 adolescentes estudantes do Ensino médio de escolas públicas do ABC Paulista. Os resultados apresentados apontam a importância de os pais estarem juntos no processo educativo dos filhos. O afeto que os pais atribuem aos filhos pode contribuir para o desenvolvimento de autocontrole, assertividade, empatia e a minimizar o desenvolvimento de psicopatologias. Assim como a comunicação entre filhos e pais mais responsivos auxilia no desenvolvimento de relacionamentos mais saudáveis. Os estilos parentais equilibrados podem gerar vivências mais positivas para os filhos, impactando suas vidas. Segundo os autores, a personalidade tem um papel significativo em relação à predição de comportamentos agressivos e de vitimação, o neuroticismo seria um potencializador destes comportamentos. Desta forma, programas de orientação a pais e educadores são apresentados enquanto estratégias de prevenção à violência, suicídio, uso de drogas e desenvolvimento de psicopatologias.

O artigo *Relato de experiência: grupos terapêuticos com adolescentes vítimas de violência sexual* – escrito por Adriana de Andrade D’Ajuz, Ana Carolina Bessa Linhares, Ana Luiza Greca da Cunha, Akalenni Quintela Bernardino, Bibiana Coelho Monteiro, Cássia de Freitas Teixeira Passarela, Fernanda Schieber Saúde Vilas Boas de Oliveira Jota, Mikaele da Silva Santos e Vanessa Ribeiro de Souza – também agrega a discussão a respeito da temática da

saúde mental na adolescência. Trata-se de um relato de experiência de uma proposta de grupo terapêutico, composto por adolescentes vítimas de violência sexual e suas famílias, realizado por uma equipe multiprofissional. A proposta do grupo é oferecer apoio social, utilizando estratégias de intervenções protetivas que visam reduzir os danos das consequências psicossociais da violência sexual. A partir de sua experiência, os autores apontam que com a participação da família de forma ativa, permite-se um aprendizado construído em conjunto, uma busca pela compreensão e superação após a vivência de violência feita de forma compartilhada.

O artigo *Teoria do apego na velhice: revisão integrativa de literatura*, de Jéssica Caroline dos Santos, Cesar Batista Alves e Bruno Leonel Mendes de Abreu, analisa pesquisas que abordam a teoria do apego na velhice, através de uma revisão integrativa de literatura. Os resultados encontrados pelos autores apontam para a importância do estilo de apego seguro como fator de proteção psicológica, especialmente em relação às perdas decorrentes desta etapa da vida. A qualidade de vida, recursos afetivos, espirituais e sentimentos de bem-estar podem favorecer na proteção de declínios cognitivos. Os autores ainda pontuam a necessidade de considerar os fatores culturais que decorrem das dimensões de apegos não seguros na população idosa e em relação a seus cuidadores e familiares. A pesquisa desenvolvida pelos autores reafirma a importância dos vínculos afetivos e sociais para o desenvolvimento desta população.

Em nosso próximo artigo, intitulado *importância das oficinas terapêuticas no contexto da atenção primária a saúde*, os autores Dayane Degner Ribeiro Brasil, Leandro Barbosa de Pinho, Débora Berger Schmidt realizam uma revisão bibliográfica cujo objetivo é identificar a importância das oficinas terapêuticas na Atenção Primária a Saúde. Os resultados apontam as oficinas terapêuticas enquanto tecnologias de cuidado em saúde mental e que possuem a ressocialização como foco. Os autores apontam que a partir do material pesquisado, que as oficinas terapêuticas podem melhorar a qualidade de vida dos usuários da atenção primária, e auxiliar em seu processo de reabilitação psicossocial e de reinserção social.

Jeanne Muzeka discute, em seu artigo intitulado *Esquizofrenia para além da patologização*, a experiência da esquizofrenia a partir de entrevistas com profissionais de saúde mental e usuários de serviços de saúde mental. O objetivo da autora é discutir aspectos relativos ao diagnóstico e aos tipos de tratamentos. Os relatos analisados pela autora permitiram discutir a importância do respeito pela subjetividade no cuidado de pessoas com diagnóstico de esquizofrenia e a

heterogeneidade desse tipo de sofrimento. A autora ainda pontua a necessidade de mudanças de perspectiva e tratamento de pessoas com diagnóstico de esquizofrenia, para que o sujeito possa ser considerado como um todo, em seus processos sociais, culturais e subjetivos, e para que sua autonomia no processo de tratamento seja respeitada.

Desejo uma ótima leitura.

Mariana Cardoso Puchivailo
Editora